

revista

Gente

de

PALAVRA

n° 26



CAR MEN SÍL VIA PRESOTTO

Adriano Diamantino Leão André Foltran André Luís Soares Arnault L Dias B. R.S. Benette Bacellar Berenice Sica Lamas Carmen Sílvia Presotto Cleonice Bourscheid Davi Kinski Edison Gil Edite Rocha Capelo Eduard Eric Eliana Pichinine Evandro Alves Maciel Felipe Magnus Geraldo Trombin Gerson Nagel Joan Saulo do Monte Jorge Leite de Siqueira Jorge Ventura Júlio B. Laura Rangel Lilian Rose M.da Rocha Lucas Esteves Luiz Otávio Oliani M Isis Magaiver Welington Maria da Glória Jesus de Oliveira Marisa S. Neres Mauro Bartolomeu Michelle C. Buss Milton Trindade Monique Bonfim de Souza Nairana Melo Neyd Montingelli Pamela Freire Melo Ramon Machado Samurio De Vargas Renato de Mattos Motta Silvana F. Pereira Vivian de Moraes Vlado Lima

Presença frequente em nossos saraus e revistas, ela dispensa maiores apresentações.

Professora, psicóloga e, acima de tudo, poeta com três livros publicados, Carmen Sílvia Presotto é um exemplo de ativista cultural. É a responsável pelo grupo (mais de mil membros) do Facebook e pela Editora Vidrúguas, com 16 títulos já publicados. Edita a revista “Cafeína nas Veias”, totalmente voltada à poesia, com distribuição gratuita em cafés e em locais onde a cultura acontece.

Seus poemas têm temas variados; entretanto sempre colocam dimensões de seu mundo interior. Carmen Sílvia Presotto é Gente de Palavra.

RMM

Menina criança

(para minhas filhas)

Hoje
largarei o sépia,
taparei o porta-retrato

Criança
quero jogar peteca
soltar balão

quero o vento na mão
tua eterna canção

Hoje
quero o reverso,
poema criança

incêndio no coração...

Carmen Sílvia Presotto - Vidrúguas!



CARMEN SÍLVIA
presotto

A morena que parecia poesia

Olha só aquela morena de saia rodada
Sorriso estampado na cara
Com o seu rebolado
Roubando olhares por onde passa
Com um copo na mão dançando no meio da rua
Sem pressa de chegar em casa
De pés descalços
Até parece que flutua
Será um pedaço de lua
Ou uma estrela cadente
Parece mais poesia do que gente.

Magaiver Wellington



As letras

A Violeta
Grava as letras
No coração do outro
E sai a poesia:

no frio – cinzenta
no cemitério – sangrenta
na bacia – hemorragia
no sol – abismo

Poesia – melancolia
Poesia sem poder algum
A poesia amacia
Sem tempo – a alma.

Laura Rangel

consumir e passar adiante
propaganda de qualquer natureza
é ser inevitavelmente consumido
por partido, por empresa,

por time que quer revanche

são diversas as tintas e cores
para pintar simples fatos
vendendo bandeiras por amores
transforma qualquer certeza
em mero cão sem olfato

propaganda de qualquer natureza
para pintar em matilhas sem olfato
partidos que querem revanche

Felipe Magnus
felipemagnus.com



Uma flor morreu na primavera

Uma flor morreu na primavera
Porque não souberam cuidar dela

Cuidaram de outras flores
Das quais brotaram novos amores

Mas não da minha flor
Que, sozinha, por falta de amor

Num dia de sol de primavera
Abriu suas pétalas, numa quimera

Mesmo pequena, foi serena
Oh, era uma flor tão bela!

Por falta de cuidados
Não mais floresceu naquele estado

Primaveril da estação das flores

Deixando de exibir suas cores

Fechou suas pétalas, sem esperança
Caiu ao chão, breve lembrança!

Um flor morreu em pleno curso da primavera
Porque não souberam cuidar dela.

B. R. S.



O olho do furacão

De dentro do furacão, o mundo parece sim estar de pernas pro ar.
Queria ter isenção o bastante pra discernir ser seguro algum lugar.
De dentro da solidão, tento demarcar longínquos pontos com meu olhar,
pra quem sabe ter noção dos caminhos a seguir quando este caos acabar.

Eu sempre fui norteado pela bússola cética do instinto animal,
seguindo desenfreado a programação genética, um robô afinal,
que, quando foi arrastado pela força frenética deste vendaval,
vacilou entre dois lados: sua pulsão estética e seu freio moral.

Entre a razão e a libido, o que significa em suma fazer suas escolhas?
Entre o risco desmedido e a segurança de uma vida dentro de bolhas,
há ainda a ser vencido um tufão que desarruma e abduz sapos e folhas.

Não queixávamos sequer da solidão, queixa vã; ela era assunto antigo.
Mil grupos no nosso pé, nos falando do amanhã e advertindo do perigo,
mas nós falávamos é da solidão dos românticos, eu sei, meu amigo.

Comunicado

Nesse virar
De páginas
O momento
Do jazz
Final
Corta
O escuro
Feito cinema
Mudo
Um carrossel
Que liberta
As paredes
Da linguagem
Em busca
Do que canta
No canto
Das palavras

Davi Kinski

Soneto Inconsciente.:

eu canto a extrema pobreza
ocaso colidido com fumaça
meu nó chamuscado de tristeza
fere mais que o comprido da desgraça

eu saio, ressecado excremento,
de um cu com odor de alfazema
na testa um poderoso diadema
no peito, um valioso sentimento

e busco, a custo, partir - extraditado
cumulado de riquezas desprezíveis
só tangíveis para os que não têm respostas

ou "sou", ou "vou", ou "fui", vertentes ao acaso
sintomas da perícia dominante
em calar a voz noturna com a voz diurna.

Evandro Alves Maciel.:

<http://omultiplocontinuo.wordpress.com>



Olho-me no espelho.

Já não vejo a mesma imagem.

Ou fui eu que mudei desde que toquei o rosto sobre aquela água morna pela manhã?

Reguei as pálpebras como quem rega a alma.

São meus olhos que agora parecem carregar outras lentes

De um alguém que viveu mais algumas voltas do ponteiro?

Já não sei.

Sei que sinto a leveza de uma folha que, ao cair, deixa o galho donde vivera. Desprende-se.

E não escolhe onde pousar. Pousa.

Fica livre! Aguardando uma ventania qualquer que mude seu destino.

Monique Bonfim de Souza

Descubra-me

Vou me retratar do avesso
Com tudo o que de avesso há
Talvez seja a maneira certa
Para que me vejas e,
Finalmente, escutes meu olá.

Estarei sentada na mesma árvore
Ela, felizmente, não poderei avessar
Mas sei, oh como sei,
Que ela te reconhecerá.

Talvez ria da tua calvície
– árvore vetusta tem caduquice –
Mas não deixará de te abraçar.
E eu, para imitá-la,
Farei o mesmo
Se conseguires me identificar.

Maria da Glória Jesus de Oliveira



Dois enterros

Meus pássaros não param de morrer.
Esta manhã dois corpos recolhi
: um na esquina onde te perdi,
outro à janela em que me vi perder.

Duas rasas covas ternamente abri,
pois cada morto é parte do meu ser
e como eu não soubesse o que dizer
um epitáfio a cada um escrevi.

Ao meu primeiro pássaro: Aqui jaz
um amador que, por perder uma asa,
dormita, agora, em ninhos abissais.

E ao meu segundo pássaro: Aqui jaz
a pomba branca que fugiu de casa
e não retorna nunca, nunca mais...

André Foltran

Consequência

É uma veracidade conotativa
uma explícita nebulosa incandescente
mais de mil e uma palavras espalhadas
formando o gigantesco enigma
da insanidade realista presente

Eis a realidade em plena arte severa
que de tanto explodir por aí
hoje navega para lugar nenhum.

Uma verdade figurativa.
Uma mulher sexy e quente.
Mais de mil e uma coisas pra saber
e é perceptível
que não sabemos nada
e a tal da insanidade
já nem é mais apreciada
nem valorizada
nem notada
já nem é mais pensada.

E nessa decadência
a insanidade é considerada demência
quando na verdade é consequência.

Eduard Eric



Sobrevivente

Diga aos escravocratas, aos cafetões, aos injustos,
aos racistas, aos corruptos, aos inimigos da paz;
fale nos latifúndios, sob o olhar dos coronéis,
grite aos assassinos, nos porões do submundo,
que apesar de tanto estrago...

– O amor sobreviveu!

Anuncie aos tiranos, aos cobradores de impostos,
a quem nos queira mortos; ao patronato cruel;
piche o muro do quartel, publique em cada jornal,
avise aos donos do mundo, em saguões de aeroportos,
que apesar de seus esforços...

– O amor sobreviveu!

André Luís Soares



Perspectiva pós-moderna

Rotina,
porque sou circular circuito,
todas as voltas do relógio
cabem em mim.

Lei dos homens sobre o tempo,
às vezes grilhões de desejos,
às vezes o justo do dia.

Rotina,
porque sou arte moderna
com traços de contemporaneidade.

Michelle C. Buss

<http://segundapartedemim.blogspot.com/>

<http://eadrom.wordpress.com/>

Negra

Negra
Palavra
Bendita
Que saiu
De tua boca
Como insulto
E que transcende
Em minha dança
Em minha história
Em minhas crenças
Em minha luta
Em minha vitória
Que corporifica
Em meu sorriso
De perplexidade
Da tua pobre
Medíocre ignorância!

Lilian Rose M. da Rocha



"A humanidade será hipócrita e hipócrita, pelos séculos e séculos"...

essas fórmulas tantas
e vãs
e abusadamente pretensivas...

esses métodos
essas questões fulcrais que se colocam à frente
e nos empurram
e empulham
e engessam

essas verdades morais
esses conceitos em linha reta
me ensombrecem.

tudo o que me amesquinha, me incomoda.

os métodos imutáveis
não me parecem dignos de nota

o mundo à merda
o mundo à merda
o mundo!

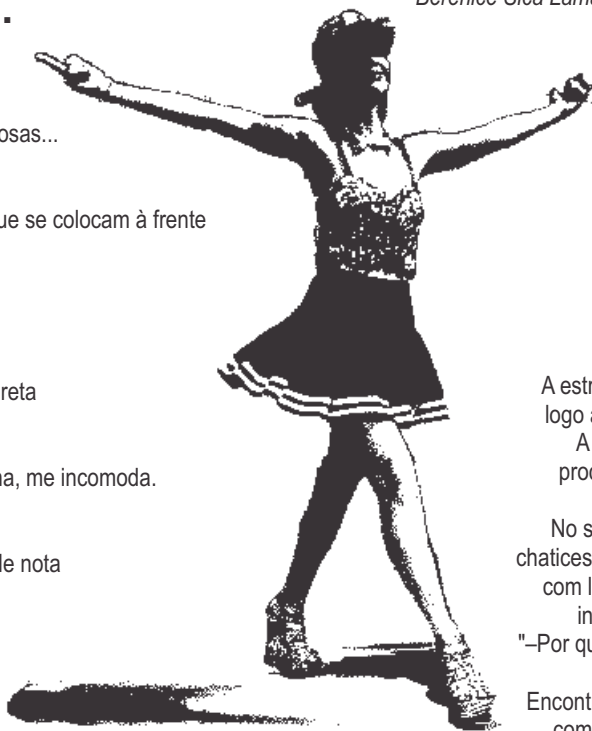
deixem as hipocrisias
matem essas convenções idiotas
que a vida só é boa livre!

Milton Trindade

quero tal espelho clareza
que doam os olhos
plenos de água clara
no susto de um trovão
que encha o lugar
de pavor

um caos que nunca finda
nunca chegará
passo um creme semântico
dos poros brotam palavras
na face brilham poemas
com dobras
sem opacos
umidade
são apenas reluz e
avidez
sândalo e pêndulo
poema cristal

Berenice Sica Lamas



Poesia

A estrada congestionada,
logo a poesia ultrapassa.
A rima que foi levada,
procura feito uma caça!

No silêncio dos minutos,
chatices, murmúrios, preces
com lamentos dissolutos,
indaga na ansiedade:
"—Por que tu não apareces?"

Encontrando a abençoada,
com a métrica abraçada
saboreia a poesia,
o atributo do seu dia!

Edite Rocha Capelo

Leia-me em seus olhos

Quem sabe se o poeta escreve em tinta
e a poesia é mentira em sua rima?
Se a caneta é de uma cor retinta,
ou se o vermelho é de dor, e lágrima.

O choro que é filtrado em versos,
será que na alma é latente,
ou só do imaginário emersos?
Não se sabe... a ressonância mente.

Mas, se os olhos do poeta viram
as letras antes de escritas que veem.
Omitidas, ou que desprenderam,
virarão de quem as ler também.

No olhar de quem as lê e chora,
é sincera a métrica imposta.
A verdade do poema aflora,
nas retinas de quem “vê” e gosta.

É a verdade do leitor que sabe
se a rima iludiu, ou se entregou.
Se o versar foi “do que não cabe”,
por seu coração que transbordou...

Arnault L Dias

In cena

Invisível é o ator
pelos espelhos do palco.
Entrega a sua personagem
o corpo por pouco tempo
e a alma pela eternidade.
“Ser ou não ser”,
questão vista como verdade,
ao olhar fixo da plateia,
esconde o real motivo,
sentimento mais invisível
do que ele mal interpreta:
em cena, seu próprio ego.

Jorge Ventura



Dos amares

Enquanto os guerreiros regressam da empresa cruenta
Que tantos valentes soldados no Hades lançou,
Do amor a natura não cuida o gentil Menelau
Que os anos de guerra lhe reacenderam no peito.

Amor a mulheres jamais incitou à batalha
Aqueus ou troianos de nobre linhagem briosa –
Apenas a honra, malévola honra, tal ira
No imo do peito seria capaz de infundir.

Agora, de volta ao seu lar, doce lar, sem receios,
Não pensa nem sente o que não tenha o nome de Helena.
Nem mesmo recorda que Eros, arqueiro indomável,
É filho suposto do divo senhor pai das guerras.

Assim, pois, também, essas folhas ao vento, essa raça
Volúvel qual Zéfiro, humana chamada, em excesso
Se ama – e tanto mais ama quão menos reflete
Que a deusa do amor foi gerada de uma castração.

Mauro Bartolomeu

De mal de mim

há tempos eu não falo comigo
foi assim
acordei um dia
puto
olhei minha carcaça no espelho
e fiquei de mal de mim

não suportava mais o euzinho burocrata
reinando absoluto sobre as terras médias
do lado esquerdo da minha cabeça

(o cara não canta
não assobia
não samba
não anda descalço
não toma banho de chuva
não coleciona maravilhas em vidros de maionese
nem caça estrelas com as pontas dos dedos)

o cara é o senhor das ciências exatas
tudo é número
gráfico
índice
planilha
& performance

só não corto relações diplomáticas
definitivamente
com o sujeito
porque o infeliz
é quem paga as minhas contas

Vlado Lima



Triz

Por um triz
o universo
seria outro

a imagem
seria real

o beijo
seria sonho

a escolha
seria salutar

o voo
seria queda

a dúvida
seria eterna

o paladar
seria amargo

a gota
seria mar

Eliana Pichinine

lemanjá

Lá ela está
na espuma do mar.

Deusa do amor.
lemanjá.

Inefável a inspirar;
envolver; encantar.

lemanjá

Lá ela sempre está
na espuma do mar.

Marisa S. Neres



O marinheiro e o tubarão

Vai, lança-te ao mar, velho marinheiro!
Enfrente as feras, mate as bestas
E estrangule os teus demônios.
Pois o mar é teu e o que resta é você.

Vai, lança-te ao mar, velho marinheiro!
Surpreenda o tubarão que te espreita
E toma-o aos braços, olhando no fundo dos seus olhos,
Para que ele saiba quem o matou e por que morreu.
Não se sinta culpado por não amá-lo
Apenas mate-o com respeito,
Como se isso fosse a coisa mais importante
De ambas as vidas e de ambas as mortes.

Vai, lança-te ao mar, velho marinheiro!
Esqueça a felicidade.
Apenas dê umas boas gargalhadas
Com seus poucos dentes
Nesse meio de muita água.

Vai, velho marinheiro!
Engole o mundo com teu grito,
Com teu riso.
Ninguém vai ouvir.

Lucas Esteves

Algoz

Infinitos nós
Por todo o retrós.

A linha da vida enroscada
Num chororô atroz.

Um chorro veloz
Convertendo meus olhos,
Cataratas insensatas.

Neste desaguar tão assim,
Neste oceano sem fim,
Não mais rio de mim.

Sou foz
Em abismais quedas,
Já sem voz.
Antes, durante e após.
Cadê meu paraquedas?

Geraldo Trombin

Domador de feras

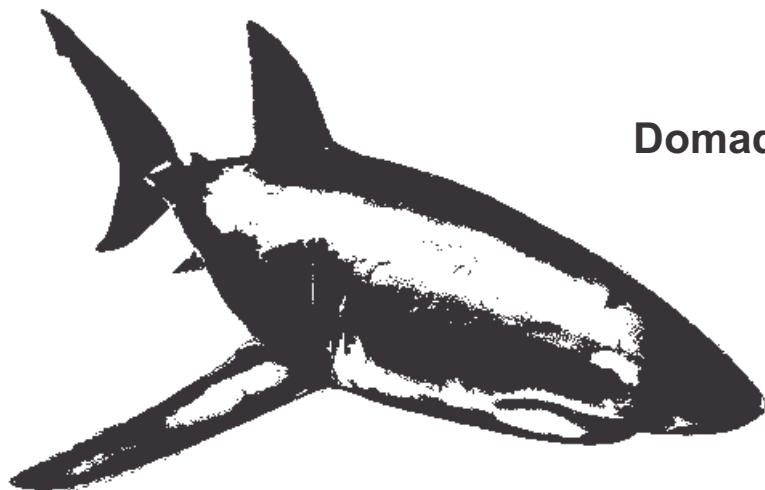
há palavras rebeldes
no dicionário

fogem ao cerco

o poeta as detém

mantém
no chicote
o poder do idioma

Luiz Otávio Oliani



Vida moderna

Minhas horas
são muitas,
mas curtas...
As exigências infinitas
recheiam de culpa
meus momentos raros
de abandono ao ócio,
tão necessário...

M Isis
#poesiadodia



leitura.

queria escrever algo silencioso
o que ninguém pudesse ler

ou ouvir

sublime
inefável
indizível

escrever o profundo de mim
e já é assim
inaudível.

Adriano Diamantino Leão

Na primavera, no verão, uma criança,
pelos jardins ao sol, corria.
Subia nas árvores e as doces frutas colhia.
Sem frio, sem medo, sem vergonha, sem pressa vivia.
Os anos passaram e não mais sobe em árvores,
precisa de agasalho, receia cair, já é adulta, tem compromissos.
É o inverno da vida.

Neyd Montingelli



Leveza poética

Hoje está tão pesado o dia
Que até me canso ao respirar

De tanta coisa me livraria
Se assim desse pra voar

Nem muito preciso seria
Pra que leve eu pudesse ficar

Pois tudo que eu queria
Era uma rede pr'eu deitar

Permanecer ali na calmaria
E, então, poder sonhar

Um livro como companhia
E a poesia a me embalar.

Pamela Freire Melo

Ouvindo música

Pela fresta da janela
Passam os prédios
Passam as luzes
Passam as pessoas

Entram e saem
Caras cansadas
Se seguram
no meio do salão.

O ar poluído
De tantas respirações
Vento escasso
De tantas aspirações.

Ouço uma música
vou trabalhar
Enquanto eles
Vão descansar

La Vie en Rose
É a música
Penso em outros tempos
Tempo de luzes

As mesmas luzes
Que passam rápido
No lado de fora
E ficam para trás

Quanto devaneio
Enquanto ouço música
Viajando para o trabalho
No vagão do Trensurb!

Silvana F. Pereira
<http://poesign.blogspot.com.br>



Meu tempo é outro

Hoje é segunda-feira
e o caracol passeia
o tempo.

As aves anoitecem,
e uma rara orquídea
brota na pedra.

Hoje é segunda-feira
e um pássaro azul
pousa no sonho.

A borboleta espregueia a flor
e todo o universo
grita à janela.

O sol deita fogo
sobre a volúpia
do dia.

Me aninho
feito asa no ocaso
do teu corpo.

Hoje é segunda-feira
e o caracol passeia
o tempo.

Meu tempo é outro...

Cleonice Bourscheid

Radamanto

Sou hemíptero e hematófago.
De forma helicoidal,
Provoco a hecatombe.
Também hemoptise e hemorragia,
Além da hemiplegia nos que têm fome.

Sou a desgraça!
Matéria pútrida e gasta.
Quimeras esquecidas
E o último díptero a consumir
A carne morta.

Amanhã serei a força nefasta
Que conduzirá a morte
Até a tua porta.

Joan Saulo do Monte



A vulva

A
tua
vulva
valorosa
vivaz vulva
que vejo e vibro
mais que veludo
de pelos ásperos
mais que vagina-
menina imagina
multivulva que
se abre e
me abriga
vulva
valvulada
vulva voraz
envolvente
vulva que
me aperta
me quer mais
vulva que encanta
e onde me esvazio
explodo e morro
para logo
renascer

Renato de Mattos Motta



Quando tudo nos parece dado
Quando tudo parece posto
Tome cuidado!
Pois é nessas horas
que a máscara
troca de lugar com o rosto.
E quando o rosto
é devolvido ao seu posto,
já é tarde.
O estrago já se mostra
todo mascarado.

Nairana Melo

"As ruas têm olhos de crianças." (Noél Olivera)

"As ruas têm olhos de crianças"
Aqueles que não têm esperança.
Que não brincam e nem sabem escrever.
As que não sonham e vagam perdidas.
Abandonadas, os pés descalços,
ou com crack em alucinação.
A falta do amor queima as mãos no frio.
E os pés sórdidos caminham longe delas.
Ali no leito de ausências e carinho,
adormecem e crescem.
Colocam os anjos, flores sobre o muro.
Ramos sob os lixos no chão,
onde há frieza sem emoção.
"Se essa rua, se essa rua fosse minha",
"eu atirava o pau" na fome e miséria.
Tirava todas as crianças de lá, inventava magia,
até nenhuma ter motivos para chorar.

Benette Bacellar



Starfix

as paredes de casa
possuem nome e sobrenome
esta é Clarinha, a Clara Luz da Rua
esta outra é a Bruna (a sombria)
vem do Lado Escuro da Tua
à Selena se avizinha,
a radiante Deusa da Lua
brincam juntas de esconde-esconde
numa nebulosa identidade
são amigas dos astros e estrelas
precipitam fixos olhares

Gerson Nagel

Trapezista

solte-se, confia em mim, eu te seguro.
pegue em minhas mãos
segure forte e deixe que eu te leve
ao meu trapézio, ao meu mundo, à minha vida.

venha comigo, não tenha medo!

mas parece que você não quer.
o que você teme? eu?
meu jeito de ser?

sim, sou um trapezista,
essa é a minha vida,
vivo de um lado para o outro.
me seguro até quando posso,
depois, solto e caio.

subo a escada novamente e recomeço.

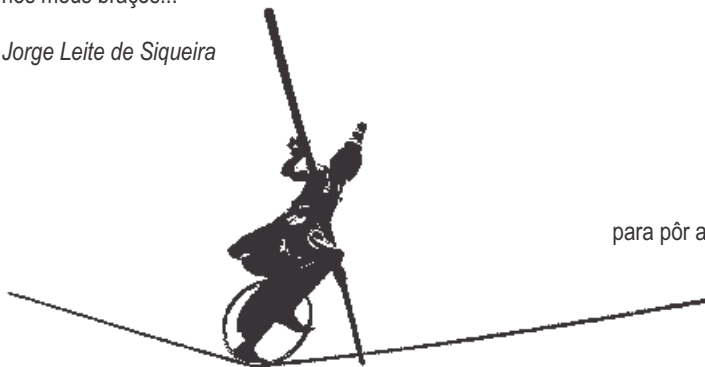
mas, quem sabe,
se você me ajudar,
eu seguro em suas mãos
e você segura as minhas.

juntos, ficaremos mais fortes.

poderemos até largar o trapézio
e nos tornaremos domadores,
malabaristas ou palhaços.

venha, confia em mim,
solte suas mãos, e caia
nos meus braços...

Jorge Leite de Siqueira



Eu Vou!

Eu vou rabiscar
as clamas do poeta,
e inverter as desconexas
profecias do profeta.
Eu vou ignorar os Maias,
os Incas e os Astecas!
O grande tolo que brada: 'Eureca!'
com a sua previsão estúpida,
penosa e sem ética!
Já não basta a realidade,
crua e sem estética?

Eu vou frear os astros
e as suas indiretas,
o cataclismo, o eclipse
e os convidados dessa festa!
E, eu vou ejetar os meteoros
que percorrem em nossa reta,
para pôr a paz e o amor que nos completa,
pois o planeta – Terra,
carece de dieta,
precaver-se da gordura
e do mal que o infeta!

Edison Gil

"Céu em fogo"

"Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto
E hoje, quando me sinto.
É com saudades de mim [...]"
Sá-Carneiro

Simbolista, moderno, avant-garde, instalado na Geração de
[Orpheu -

Sá-Carneiro escreveu o incêndio na carne entre dois homens,
[duas vezes.

Viva "A confissão de Lúcio"! Viva o "Céu em fogo!"
Mas o que mais ainda mais me toca é "Dispersão", um esgar
de lábios, uns olhos marejados por ser poeta na
[modernidade,

o homem que se perde dentro de si por ser um labirinto...

Um homem que tem saudade de si próprio,
e de uma forma tão profunda
que se mata em Paris!
(será que havia espelhos em Paris?)

Pobre Mariozinho, que o teria em meus braços
como se fosse uma criança que ainda aprende a ler
mas já pensa em versos.

Lindo poeta, para quem eu diria: "calma, Mário, isso passa".
Mas sou jovem demais para embalar a poesia e a prosa de
[Sá-Carneiro,

para ser sua mãe;
bem como insana demais
para impedir o suicídio de um poeta...

Vivian de Moraes



Antologias de uma tarde qualquer: o celular

Ela vai andar de bicicleta
e me leva no bolso
Ela vai andar na praia
e me enrola no chapéu
Ela vai sair com os amigos
e escreve o meu nome num papel
Se eu caio ela me junta
e me abraça

Quando chove ela fica
comigo a noite inteira
E quando eu vejo
meu tempo acabou
De volta pra tomada
e depois niqueleira

Quando ela for tomar banho
ela me deixa na prateleira
Quando ela quer escutar
ela bota o fone e me ouve falar

E ela gosta de repetir
e eu não canso de reproduzir

Mas quando ela se irrita
me toca na gaveta
E quando ela me esquece
eu estou em cima da mesa

Desligado, sem vida
esperando ela voltar

Ramon Machado Samurio de Vargas

Editado e impresso em Porto Alegre por Gente de Palavra Microeditora
www.gentedepalavra.com.br
gentedepalavra@hotmail.com

Esta edição: 150 exemplares.
Revisão: Estevão Cogoy (IEL) e Michelle Hernandez (Gente de Palavra);
Redação, projeto gráfico e diagramação: Renato de Mattos Motta

Conselho Editorial:
Ervoneide Barros e Paulo Roberto do Carmo

Porto Alegre, novembro de 2014.

APOIO:

